01 AGO / AUG
Sábado / Saturday

11:00 Igreja de São Tiago / São Tiago Church
MÚSICA DE CÂMARA / CHAMBER MUSIC

Nils Mönkemeyer, viola
William Youn, piano
Horácio Ferreira, clarinete

Albert Dietrich (1829–1908) / Robert Schumann (1810–56) / Johannes Brahms (1833–97)
Da Sonata F-A-E
Allegro (Albert Dietrich)
Intermezzo. Andante (Robert Schumann)
Scherzo. Presto (Johannes Brahms)

Johannes Brahms
Mainacht

Max Bruch (1838–1920)
De Oito Peças, Op. 83
No. 2
No. 3
No. 5
No. 7

— INTERVALO / INTERVAL —

Benjamin Britten (1913–76)
Lachrymae, Reflexos sobre uma Canção de Dowland, Op. 48

Rebecca Clarke (1886–1979)
Sonata para Viola e Piano
Impetuoso
Vivace
Adagio - Allegro

A viola de arco, a voz contralto da família das cordas, é a figura central deste concerto. Bruch, Britten e Clarke foram todos eles respeitados violetistas, que sabiam escrever para o instrumento. O mesmo se aplica a Johannes Brahms (1833-1897), como se pode testemunhar na sua Sonata para Viola. Mas este belo e

inteligentemente programado concerto gira também em torno de duas canções, cada uma emparelhada com uma sonata.

Antes do intervalo, ouviremos uma transcrição para viola de arco de uma das canções mais amadas de Brahms, *Mainacht*. O poema (abaixo) poderá ajudar a compreender melhor a música. Explorando temas tipicamente românticos, como a natureza, a noite e a solidão, o poeta descreve como um caminhante, durante um passeio nocturno pela floresta, é dominado por sentimentos de solidão.

A anterior Sonata F-A-E, uma criação conjunta de Robert Schumann (1810-1856) e dos seus dois protegidos, Brahms e Albert Dietrich (1829-1908), foi uma oferta ao brilhante violinista Joseph Joachim, cujo lema de vida era "**f**rei **a**ber **e**insam" (livre mas só). O carácter romântico deste aforismo cria uma bela ligação com *Mainacht*. Para sublinhar o lema de Joachim, cada andamento da sonata toma as notas F, A e E como material musical de base. Dietrich escreveu o primeiro andamento, Schumann o segundo e o quarto, enquanto Brahms compôs o terceiro. A sonata foi originalmente escrita para violino, mas, devido ao seu registo relativamente grave, o andamento de Brahms, em particular, é tocado com frequência na viola de arco.

Depois do intervalo, a nossa atenção desloca-se da Alemanha para Inglaterra, e de Brahms para Benjamin Britten (1913-1976) e Rebecca Clarke (1886-1979). *Lachrymae*, de Britten, obra de carácter próximo da pavana para viola de arco e piano, consiste em dez variações sobre um tema de uma canção de John Dowland, *If my Complaints could Passions move* (poema abaixo). De forma invulgar, Britten não apresenta o tema principal, retirado da canção de Dowland, no início, mas apenas no final.

A composição toma o seu nome de outra canção de Dowland, *Flow, my tears* (poema abaixo), cuja versão instrumental recebeu o título *Lachrimae Pavane*. Britten cita esta canção na sexta variação. Os poemas subjacentes e a gravidade, bem como o carácter frequentemente minimalista e depurado da música, poderão ter levado Britten, em 1976, ano da sua morte, a regressar a *Lachrymae* e a reformulá-la para viola de arco e orquestra de cordas.

Rebecca Clarke, filha de mãe alemã e pai norte-americano, cresceu no Reino Unido. Enquanto primeira mulher música profissional a tocar numa orquestra londrina, abriu caminho a outras mulheres. Mas ser compositora não era evidente na época. Quando a sua Sonata para Viola foi publicada, em 1919, houve quem presumisse que o seu nome era um pseudónimo de um compositor masculino. Uma composição tão boa não poderia ter sido escrita por uma mulher, foi a suposição depreciativa. Quase sessenta anos mais tarde, em 1977, Clarke ridicularizou este episódio humilhante ao escrever numa nota de programa para um concerto que incluía a sua Sonata para Viola: "Aproveito esta oportunidade para sublinhar que eu

existo de facto… e que a minha Sonata para Viola é obra minha, sem ajuda de ninguém!”

A sua produção enquanto compositora é pequena, mas tem vindo a ganhar reconhecimento. Uma citação de um poema do francês Alfred de Musset, que Clarke escreveu na primeira página da partitura, dá-nos uma indicação do que podemos esperar da obra.

> Poeta, toma o teu alaúde; o vinho da juventude
> fermenta esta noite nas veias de Deus.

O ambiente da sonata é, de facto, apaixonado, vibrante e poético, com passagens arrebatadas alternadas com intermezzi lânguidos. O ouvinte atento poderá ouvir a influência de Vaughan Williams (*The Lark Ascending*?) e de Debussy, mas também o som de uma orquestra gamelan. Explorando toda a extensão da viola de arco, a sonata é hoje considerada uma obra essencial para qualquer violetista.

O duplo conjunto de “canção mais sonata” é unido pelos *Acht Stücke* (*Oito Peças*), de Max Bruch, para clarinete, viola de arco e piano. Estimulado pelo seu filho Max Felix, clarinetista profissional, Bruch desenvolveu, mais tarde na vida, um amor pelo clarinete. O ciclo foi inspirado nas *Märchenerzählungen* (*Contos de Fadas*) de Schumann, para a mesma combinação instrumental, embora numa versão anterior a harpa também fizesse parte do conjunto.

Se apreciou a Sonata para Viola de Rebecca Clarke, considere assistir ao concerto de 2 de Agosto, às 11:00, na Igreja de N. Sra. da Estrela, com obras de compositoras, incluindo a *Rhapsody* para Violoncelo e Piano, de Clarke.

The viola, the alto-voice of the string family, is the key figure of this concert. Bruch, Britten and Clarke were all three esteemed violists who knew how to write for the instrument. So did Johannes Brahms (1833 – 1897), as one can witness in his Viola Sonata. But this beautiful and intelligently programmed concert also evolves around two songs, each paired with a sonata.

Before the intermission we will hear an arrangement for viola of one of Brahms’s most beloved songs, *Mainacht*. The lyrics (below) may help you better understand the music. Exploring typical Romantic themes, like nature, night and loneliness, the poet paints how a wanderer, having a nightly walk in the woods, is overwhelmed by feelings of solitude.

The preceding *F-A-E-Sonata*, a co-creation of Robert Schumann (1810 – 1856) and his two protégés Brahms and Albert Dietrich (1829 – 1908), was a gift for the brilliant violinist Joseph Joachim, whose motto in life was "**f**rei **a**ber **e**insam" (free but lonely). The Romantic character of the aphorism creates a nice combination with the *Mainacht*. To emphasize Joachim's adage, each movement of the sonata takes the notes F, A, and E as its basic musical material. Dietrich wrote the first movement, Schumann the second and fourth movement, while Brahms composed the third movement. The sonata was originally written for violin, but, due to its relatively low register, Brahms's movement in particular is played on viola regularly.

After the intermission, our focus will shift from Germany to England, and from Brahms to Benjamin Britten (1913 – 1976) and Rebecca Clarke (1886 – 1979). Britten's pavane-like *Lachrymae* for viola and piano consists of ten variations on a theme from a song by John Dowland, *If my Complaints could Passions move* (lyrics below). Unusually, Britten doesn't present the main theme, taken from Dowland's song, at the beginning, but at the very end.

The composition takes its name from another song by Dowland, *Flow, my tears* (lyrics below), of which the instrumental version was titled *Lachrimae Pavane*. Britten quotes the song in the sixth variation. The underlying poems and the gravity and the often minimalist, stripped down character of the music may have prompted Britten, in 1976, the year of his death, to return to *Lachrymae* and rearrange it for viola and string orchestra.

Rebecca Clarke, born from a German mother and an American father, grew up in the United Kingdom. As the first female professional musician to play in a London orchestra, she paved the way for other women. But being a female composer wasn't obvious at the time. Upon the release of her viola sonata (1919) people assumed that her name was a pen name for a male composer. A composition as good as hers couldn't be written by a woman, was the disparaging assumption. Almost sixty years later, in 1977, Clarke derided the humiliating incident when she wrote in a program note to a concert that featured her viola sonata: "I take this opportunity to emphasise that I do indeed exist… and that my Viola Sonata is my own unaided work!"

Her output as a composer is small, but has always gained traction. A quote from a poem by the Frenchman Alfred de Musset that Clarke wrote on the first page of the score gives us an indication of what we can expect of the piece.

> Poet, take up your lute; the wine of youth
> this night is fermenting in the veins of God.

The sonate's mood is indeed passionate, buoyant and poetic, with surging passages being alternated by languid intermezzos. The attentive listener can hear the

influence of Vaughan Williams (The Lark Ascending?) and Debussy, but also the sound of a gamelan orchestra. Exploiting the entire reach of the viola, the sonata is now considered to be an essential work for every violist.

The double set of ‘song plus sonata’ is held together by Max Bruch’s *Acht Stücke* for clarinet, viola and piano. Triggered by his son Max Felix, a professional clarinettist, Bruch developed a love for the clarinet later in life. The cycle was inspired by Schumann’s *Märchenerzählungen* (fairytales) for the same combination of instruments, although in an earlier version a harp was part of the ensemble too.

If you enjoyed Rebecca Clarke’s Viola Sonata, consider attending the concert on 2 August at 11.00 at the Igreja de N. Sra. da Estrela featuring works by female composers, including Clarke’s Rhapsody for Cello and Piano.

Bart de Vries

Mainacht

Poem by Ludwig Heinrich Christoph Hölty

English translation by Emily Ezust, reprinted with the permission from LiederNet Archive

Wann der silberne Mond durch die Gesträuche blinkt,
Und sein schlummerndes Licht über den Rasen streut,
Und die Nachtigall flötet,
Wandl' ich traurig von Busch zu Busch.

When the silver moon twinkles through the bushes,
And dusts the grass with its sleepy light,
And the nightingale pipes like a flute,
I wander mournfully from bush to bush.

[Selig preis' ich dich dann, flötende Nachtigall,
Weil dein Weibchen mit dir wohnet in Einem Nest,
Ihrem singenden Gatten
Tausend trauliche Küsse giebt.]*

[I call you blessed then, fluting nightingale,
For your beloved lives with you in one nest,
And gives her singing spouse
A thousand loving kisses.]*

Überhüllet von Laub, girret ein Taubenpaar
Sein Entzücken mir vor; aber ich wende mich,
Suche dunklere Schatten,
Und die einsame Thräne rinnt.

Surrounded with leaves, a pair of doves coos
Their delight to me, but I turn away,
Seeking darker shadows,
And a solitary tear flows.

Wann, o lächelndes Bild, welches wie Morgenroth
Durch die Seele mir stralt, find' ich auf Erden dich?
Und die einsame Thräne
Bebt mir heisser die Wang' herab.

O smiling image that, like the red light of morning,
Shines through my soul, when will I find you on earth?
And the solitary tear
Trembles more warmly on my cheek.

** Brahms only set the stanza 1, 3 and 4 to music.*

When the silver moon twinkles...

If my complaints could passions move

Poem by anonymous

If my complaints could passions move,
Or make Love see wherein I suffer wrong:
My passions were enough to prove,
That my despairs had govern'd me too long.
O Love, I live and die in thee,
Thy grief in my deep sighs still speaks:
Thy wounds do freshly bleed in me,
My heart for thy unkindness breaks:
Yet thou dost hope when I despair,
And when I hope, thou mak'st me hope in vain.
Thou say's thou canst my harms repair,

Yet for redress, thou let'st me still complain.

Can Love be rich, and yet I want?
Is Love my judge, and yet am I condemn'd?
Thou plenty hast, yet me dost scant:
Thou made a god, and yet thy pow'r contemn'd.
That I do live, it is thy pow'r:
That I desire it is thy worth:
If Love doth make men's lives too sour,
Let me not love, nor live henceforth.
Die shall my hopes, but not my faith,
That you that of my fall may hearers be
May here despair, which truly saith,
I was more true to Love than Love to me.

Flow, my tears

Poem by anonymous

Flow, my tears, fall from your springs!
Exiled for ever, let me mourn;
Where night's black bird her sad infamy sings,
There let me live forlorn.

Down vain lights, shine you no more!
No nights are dark enough for those
That in despair their lost fortunes deplore.
Light doth but shame disclose.

Never may my woes be relieved,
Since pity is fled;
And tears and sighs and groans my weary days
Of all joys have deprived.

From the highest spire of contentment
My fortune is thrown;
And fear and grief and pain for my deserts
Are my hopes, since hope is gone.

Hark! you shadows that in darkness dwell,
Learn to contemn light
Happy, happy they that in hell
Feel not the world's despite.